



A luta entre narrativas: desafios e perspectivas do *Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ*

VIVIANE GRACE COSTA<sup>1</sup>

Desde 2009, quatro escolas públicas estaduais, foram contempladas com o Projeto *História para que te quero História*, desenvolvido para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ), com a coordenação das professoras Dra Carmen Teresa Gabriel (2011-2013) e Dra Ana Maria Monteiro (2013-2014), Dra Cinthia Araújo (FE/UFRJ-2014 - atual). Posteriormente agregou a parceria do Instituto de História (IH) da UFRJ, tendo como coordenadores, Dra Regina Maria da Cunha Bustamante (IH/UFRJ - 2014) e Dr. Fernando Castro (IH/UFRJ- 2015 – atual).

Uma das ações desenvolvidas pelo **PIBID HISTÓRIA UFRJ** foi trabalhar *memória e história* dessas escolas, aproveitando documentos curriculares e projetos desenvolvidos na escola, bem como desenvolvendo com coordenadores, professores supervisores, licenciandos e alunos das escolas oficinas e atividades sobre a temática História, Memória e Patrimônio.

Como Professora de História, supervisora do PIBID em um CIEP (2011-2013) e Especialista em Ensino de História (Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica -CESPEB/UFRJ ênfase em Ensino de História), concluí a Monografia “**Operando com História, Memória, Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA** (GRACE COSTA, 2014)”, tendo a oportunidade de refletir sobre minha prática profissional. Essa experiência me possibilitou um investimento nos debates sobre formação continuada, formação inicial, currículo, saberes escolares, História dos CIEPs e sua relação com a comunidade da favela da Rocinha, bem como História das escolas no Rio de Janeiro.

A vivência na pesquisa , em conjunto com a FE/UFRJ, e licenciandos do PIBID, sobre Memória e História do CIEP, me instigou a dar seguimento aos estudos, sobre o processo coletivo na construção da História e Memória das escolas públicas das quais o PIBID HISTÓRIA UFRJ está inserido. Neste contexto, movida pela “vontade de memória” (NORA

---

<sup>1</sup> Professora de História da educação básica - SEEDUC/RJ. Especialista em ensino de História – CESPEB /UFRJ.

1993), venho desenvolvendo a pesquisa intitulada: “A Invenção das Nossas Escolas Estaduais do Rio de Janeiro: Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ (2009-2017)”.

Ao assistir as palestras promovidas pela FE/UFRJ no ano de 2016, de Antônio Nóvoa (2016a, 2016b), educador português que é referência em formação de professores, suspeito que, o PIBID de História UFRJ, tem aspectos semelhantes na sua proposta para formação de professores do século XXI. “Uma **Casa Comum** da formação e da profissão professor” onde apresenta um “**desenho curricular** para a formação de professores”, com cinco eixos estruturantes: experiência individualizada, um caminho para cada estudante; uma formação entrelaçada, teoria e prática simultânea; estar em um ambiente cooperativo, aprendem mais em equipe com atividade colaborativa; pesquisa nos conhecimentos concretos da profissão; conhecer a comunidade e seus hábitos cotidianos.

Como o PIBID História UFRJ, no período de (2009 a 2017), vem trabalhando a história e memória na Escola que está inserido? Qual a vontade de memória do Projeto Político Pedagógico de cada escola? O que querem lembrar? Qual a imagem da escola para os sujeitos sociais (alunos, professores, funcionários) de determinada escola? Qual a imagem da Escola Pública estadual da qual estão inseridos, para os licenciandos de História da UFRJ? Estas entre outras questões me instigam a aprofundar a temática.

Apesar de alunos permanecerem e conviverem na escola, no Ensino Médio, por pelo menos três anos, a relação da escola com a cidade nem sempre é claramente compreendida. Muitas vezes, nós professores não focalizamos esta relação que pode ser abordada do ponto de vista histórico, geográfico, administrativo, sociológico, arquitetônico. Algumas questões podem ser apresentadas de forma a dar continuidade ao processo de construção da memória e de historicização por onde alunos, professores, entram e saem durante anos, e muitas vezes não discutem a política educacional e curricular presentes naquele contexto, naquele local geográfico, naquela arquitetura, nos projetos políticos pedagógicos da escola.

Muitas outras questões podem ser exploradas de forma a possibilitar uma compreensão da escola como “lugar” de afetos, aprendizagens, de vivências e experiências comuns. Lugar público, instituição pública, escola pública.

Neste contexto proponho uma pesquisa intitulada “*A Invenção das Nossas Escolas Estaduais do Rio De Janeiro: Projeto Memória PIBID HISTÓRIA / UFRJ*”, em duas etapas distintas: no primeiro momento investigar como o PIBID HISTÓRIA vem pensando o

Projeto Memória no período de 2009 a 2016; no segundo momento, no ano letivo de 2017, realizar a “pesquisa ação” de Barbier (2002), no qual envolvem quatro escolas, em diferentes contextos curriculares, cada uma com sua singularidade e sua “cultura escolar” (FORQUIN: 1993). São elas: **Colégio Estadual Antonio Prado Junior** (2009- atual), **CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA** (2011-atual), **Colégio Estadual João Alfredo** (2016-atual), **Colégio Estadual Paulo de Frontin** (2016- atual). O foco da pesquisa envolve os seguintes temas: Memória, História, Ensino de História, Formação Docente, Cultura Escolar, PIBID de História da UFRJ, Tempo Presente, sujeitos e práticas e saberes escolares.

É emergente a “vontade de memória” (NORA, 1993) em pesquisar e firmar posição com as demais escolas do programa, possibilitando dar visibilidade ao trabalho de formação inicial e continuada do PIBID HISTÓRIA UFRJ, bem como operar com História e Memória em quatro escolas públicas estaduais. Agregando ao “saber científico curricular, didático e pedagógico” aos alunos da escola, os licenciandos de história da UFRJ, e professores da Educação Básica.

Pretendo nesta pesquisa, privilegiar a escola e o “saber profissional docente” (NÓVOA, 2016a). Valorizar a formação cooperada na formação inicial e na formação continuada. Construir a pesquisa com base na profissão e na cultura profissional. Trazer os licenciandos até a profissão, no chão da escola, com seus problemas, seus privilégios e fracassos.

**O PROJETO PIBID HISTÓRIA UFRJ**, *História para que te quero História*, tem por objetivo principalmente contribuir para a formação inicial dos professores de História da educação básica entendendo que a iniciação à docência nessa área disciplinar implica também, para além da aquisição de conteúdos específicos e pedagógicos, o enfrentamento das demandas de nosso presente recontextualizadas no cotidiano das salas de aula. Compõe a Equipe do Projeto 2 Coordenadores pedagógicos, 4 professores supervisores, 24 licenciandos do **curso de Graduação de História** distribuídos em **grupos de 6 em 4 escolas** da rede pública estadual de Ensino Médio.

A estratégia privilegiada nessa proposta é trabalhar na perspectiva do trabalho coletivo, por equipes em cada escola,

As quatro Escolas que fazem parte do **PIBID HISTÓRIA UFRJ**, apesar de serem todas escolas públicas estaduais, são localizadas em bairros diferentes, tem Histórias diferentes,

foram inauguradas em épocas diferentes, com propósitos curriculares distintos, e alunos de diversas localidades, com perfis diversos.

Um dos objetivos desse Programa é Contribuir para a construção de uma *cultura histórica* no seio da comunidade escolar. Dentre diversas atividades previstas está incluso o **Projeto Memória**: Produção e organização dos registros de Memórias de/na escola, construindo um **Projeto Memória** em cada uma das escolas (MONTEIRO, 2013).

A partir de uma abordagem pós-crítica do currículo, me refiro a Silva (2010: 150) para afirmar que “O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, currículo é documento de identidade”.

Antônio Nóvoa (2016) propôs uma “**Casa Comum**” onde apresenta um “**Desenho Curricular**”, para formação inicial e continuada de professores do século XXI, objetivando “**Firmar Posição**” profissional, através de cinco eixos:

- **Disposição Pessoal** - Haver capacidade de trabalhar as nossas histórias pessoais as nossas histórias de vida, nossa relações com a profissão. Trabalho de auto- conhecimento, muitas vezes ausentes na profissão docente.
- **Composição Pedagógica**- A subjetividade de cada professor. Uma maneira própria de ser professor. Uma pedagógica própria do professor. O conhecimento profissional docente. Cita Lee Shulman, com argumento das pedagogias ensinadas dos professores.<sup>2</sup>
- **Interposição Profissional** - É preciso que os jovens estudantes aprendam a conquistar a sua posição no interior da profissão. Trabalho conjunto entre os professores para estudarem, sobre suas próprias práticas, para surgirem, novas práticas, novas escritas, novas formas de trabalho docente. A profissão está envolvida na dimensão individual e coletiva, que é a ideia do professor com seus alunos. Cita John Dewey.<sup>3</sup>
- **Proposição Institucional** - A capacidade de participar do projeto educativo da nossa escola, da instituição escolar, um projeto que nós nos inscrevemos no interior concreto de

<sup>2</sup> “O desenvolvimento profissional dos professores... as nossas energias serão investidas em grupos de trabalho entre os professores, num trabalho conjunto entre professores para estudarem e refletirem sobre a sua prática, desenvolvendo assim novas práticas, novas escritas, novas inserções, novas formas de trabalho docente.” Lee Shuman

<sup>3</sup> “A educação é, por natureza, um espiral interminável. É uma atividade que inclui a ciência em si mesma. No seu próprio processo, levanta mais problemas para serem estudados, suscitando deste modo mais pensamento, mais ciência, e assim sucessivamente, num processo que nunca termina.” John Dewey

uma escola. Ganhar a nossa posição no interior da escola. As escolas precisam de trabalho coletivo dos professores. Cita Sérgio Niza.<sup>4</sup>

- **Exposição Pública** - Trabalhar no espaço público da educação, na comunidade, na relação com a sociedade, com a cidade, na participação das políticas públicas, de decisões sobre educação. Citou Paulo Freire no que se refere “as cidades educadoras”<sup>5</sup>.

Nóvoa (2016b) conclui com a seguinte indagação: “Como que eu me formo como profissional, encontrando minha própria maneira de ser professor, em conjunto com outros profissionais, pesquisando e agindo no espaço institucional da escola, sem nunca esquecer o exercício público da minha profissão?”

O **PIBID HISTÓRIA UFRJ** pode ser considerado essa “**Casa Comum**”? Desde sua origem em 2009, apresenta esse formato contemplando os cinco eixos na formação inicial e continuada dos professores? Os Coordenadores, Professores Supervisores e Licenciandos trabalham suas auto-biografias, suas histórias, o auto-conhecimento? São realizadas pesquisas, associando teoria e prática com problemas reais da escola e da disciplina História? Os PIBIDs, saem da sala de aula, do espaço escolar, discutem problemas da profissão professor e políticas públicas da educação? Exploram a cidade do Rio de Janeiro para abordar a História? Esses, dentre outros que surgirem no caminho, são questionamentos que pretendo abordar nesse artigo.

Estamos vivendo um momento de conservadorismo no Brasil e no mundo, um contexto de conquistas em risco (seja por cortes em investimentos e programas, seja por ofensivas conservadoras no congresso e na sociedade), onde a educação é um grande alvo neste contexto. Tomemos como exemplo a “Escola sem Partido”:

Este projeto de lei se beneficia da falsa dicotomia imposta pelo próprio nome do movimento, entre uma escola com ou sem partido. É importante reafirmar que o que está em jogo quando falamos do “programa escola sem partido” é um projeto de escola na qual esta é destituída de todo o seu caráter educacional, pois, segundo o movimento em questão, professor não é educador... O movimento escola sem partido incorporou outras pautas conservadoras que inicialmente não faziam parte das suas bandeiras. Foi o caso do combate covarde contra a discussão de questão de gênero nas escolas. O termo “ideologia de gênero” vem sendo usado como uma forma política de manipulação do medo com base em informações falsas e

<sup>4</sup> “A formação faz-se no diálogo com outros professores, no trabalho conjunto, na cooperação, na colaboração, no esforço para resolver as situações educativas, para construir novas propostas pedagógicas, que serão avaliadas pelos próprios professores para assim construírem novas práticas das quais resultam novas ideias e novos projetos, e assim por diante...” Sérgio Niza

<sup>5</sup> “Há um modo espontâneo, quase como se as cidades gesticulassem ou andassem ou se movessem ou dissessem de si, falando, quase como as cidades proclamassem feitos e fatos vividos nelas por homens que por elas passaram, mas ficaram, modo espontâneo, dizia eu, de as cidades educarem.” Paulo Freire.

distorções grotescas das práticas que acontecem nas escolas..... O impacto da aprovação destes projetos para as discussões sobre a escola pública seria imenso..... Dissociações como estas, entre a matéria objeto da disciplina e o mundo fora da escola e entre educação e instrução, são uma ameaça a qualquer projeto de uma escola mais progressista....Ao clicar no item “flagrando o doutrinador”, percebemos que o professor é representado como um criminoso dissimulado que corrompe os jovens inocentes e passivos. “Você pode estar sendo vítima de doutrinação ideológica quando seu professor se desvia frequentemente da matéria objeto da disciplina para assuntos relacionados ao noticiário político ou internacional. (PENNA - ENTREVISTA, 2016)

A Profissão docente é cada vez mais desqualificada. Tardif (1997, 2002) afirma que o saber docente é um plural, estratégico e desvalorizado. É plural porque são saberes oriundos da formação profissional, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. É estratégico porque o corpo docente tem uma função social estrategicamente tão importante quanto à da comunidade científica e dos grupos produtores de saberes. É desvalorizado, porque o professor da educação básica, não ocupa um lugar de fala nas políticas educacionais e nas pesquisas em educação. A PEC 241<sup>6</sup> definiu o congelamento de gastos públicos por 20 anos, atingindo diretamente a Educação e a Saúde, adotando uma política de “estado mínimo”.

É claro que o PIBID, como uma política pública de formação docente e valorização do professor, também se encontra ameaçado de extinção. Dentro do contexto político de um currículo produtivista o Programa ficou cada vez mais fragilizado. Neste ano de 2016, houve a intenção política de mudar o formato do PIBID. O ápice da crise se deu ao ser regularizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) da **Portaria nº 46, de 11 de abril de 2016**, restringindo suas ações, praticamente como aulas de reforço, bem como diminuindo o número de coordenadores e professores supervisores por licenciando, reduzindo bolsas, o que tornaria o Programa superficial.

Essas ameaças receberam severas críticas e uma grande mobilização nacional envolvendo licenciandos, professores supervisores e coordenadores do PIBID, o que possibilitou a continuidade do Programa. Foi criado o ForPIBID (Fórum Nacional de Coordenadores Institucionais do PIBID), desenvolvendo diversas ações públicas para manter a qualidade do Programa. Neste contexto, o PIBID História UFRJ pode vivenciar problemas na política educacional, fortalecendo o diálogo entre seus atores sociais, defendendo veementemente a profissão Professor. Dentre suas ações destaco a “Carta em defesa do

---

<sup>6</sup> Emenda constitucional aprovada em 11/10/2016 pela Câmara dos Deputados

PIBID” (ForPIBID, 2016), elaborada com a colaboração de licenciandos de norte a sul do país. Essa carta foi divulgada em larga escala pelas redes sociais.

“O PIBID lida com demandas que se acumularam no campo da educação. Assim, vem contribuindo para aumentar o interesse dos jovens pela profissão docente, ajudando os a construir a própria identidade profissional e a permanecer na licenciatura até concluir os estudos. Em paralelo, também contribui com a profissionalização e formação continuada dos professores formadores e inaugura um espaço privilegiado de diálogo e de trabalho integrado, derrubando os muros que separavam Instituições de Ensino Superior (IES) e escolas da Educação Básica. Fragilizar o PIBID e PIBID Diversidade é um grave equívoco da CAPES/MEC, especialmente, diante do “apagão” previsto com a falta de professores para as escolas públicas. Os cortes anunciados, sob o pretexto de recuperar “perdas” geradas pelos Programas implicam em descontinuidade política, fenômeno nefasto que marcou historicamente o campo da educação. Na verdade, dada a capilaridade e institucionalização alcançada, os cortes podem anular o esforço empreendido em regime de colaboração para edificar a política nacional de formação de professores. Tal ruptura implica não só na perda do investimento feito até aqui, mas no atraso de um projeto de educação que está em marcha, no adiamento ao combate às desigualdades, injustiças e problemas sociais, os quais sem a educação não serão jamais vencidos.” (ForPIBID 2016)

Os Coordenadores Professores e licenciandos organizaram passeatas e manifestações nas ruas, veiculados pelos jornais e mídias locais.



**O DIA RIO**

CAPA RIO DIVERSÃO ESPORTE ECONOMIA BRASIL MUNDO & CIÊNCIA BLOGS MAIS O DIA

26/06/2015 00:15:14

### Corte ameaça formação de professores da rede pública

Programa que concede bolsas a universitários está presente em 297 escolas

**ATHOS MOURA**

Rio - O aperto orçamentário proposto pela União começou a atingir a Educação. Está previsto um corte de R\$ 785 milhões para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), responsável pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), que incentiva alunos de cursos de licenciatura a se dedicarem à educação básica. Com isso, no estado, 297 escolas públicas podem deixar de receber bolsistas que desenvolvem projetos de aperfeiçoamento para se tornarem professores das redes municipal e estadual.

No estado, o Capes firmou convênio com 19 universidades. Ao todo foram contempladas 297 escolas que recebem 3.187 alunos de diversos cursos de licenciatura e ganham uma bolsa de R\$ 400. O estudante de História da UFRJ Edson Damasceno, de 25 anos, é bolsista há um ano e seis meses. “Podemos ir além dos ensinamentos da faculdade que são teóricos e vivenciar o dia a dia da comunidade escolar”, diz o bolsista. A supervisora de Edson no Pibid, a professora Rafaela Albergaria vê os cortes previstos como uma perda: “O projeto melhoraria a educação básica a médio prazo porque os bolsistas quando se tornam professores já possuem uma identificação com a educação pública.”

Estudantes universitários fizeram protesto ontem no Centro: entre as reivindicações, a manutenção do Pibid  
Foto: Uanderson Fernandes / Agência O Dia

A Capes informou que nenhum bolsista terá sua bolsa cortada, embora ela possa não ser renovada. Além disso, o número de bolsas em futuros editais pode cair. No fim da tarde de quinta-feira, cerca de 300 servidores federais de universidades fizeram uma caminhada entre a Candelária e a Cinelândia. A manutenção do Pibid era uma das reivindicações.

A grande conquista do movimento #ficapibid em conjunto com o ForPIBID foi consolidação da Portaria N° 84, de 14 de Junho de 2016, publicada no DOU de 15 de junho de 2016, página 19 que revoga a resolução N° 46 de 11 de abril de 2016. Sendo assim o Projeto

segue como foi proposto pela FE/UFRJ, com autonomia da equipe para planejar ações, realizar oficinas, pesquisas, estudos, de acordo com a singularidade e a cultura de cada escola, até fevereiro de 2018.

No V Seminário Nacional do PIBID, ocorrido em Curitiba, nos dias 14 e 15 de novembro de 2016 foi redigido a “Carta de Curitiba”, em conjunto com ForPIBID, ressaltando desafios ainda em questão.

... Esta Carta procura retratar a natureza das discussões ocorridas e encaminha propostas de ação que assumem a defesa da educação pública, gratuita, estatal e de qualidade que, por sua vez, exige uma formação de professores e professoras em sintonia com esse princípio. Realisticamente, contudo, 2015 e 2016 foram anos de duros enfrentamentos na esfera política e educacional que fortalecem a luta e as convicções sobre educação e formação docente. Assim, lutar por políticas de Estado para a educação hoje – PIBID, PIBID Diversidade, PARFOR, dentre outras - é alinhar-se uma vez mais com a defesa dos princípios de uma formação integral que tem nos movido coletivamente desde o início do PIBID e reiterados na Carta de Uberaba (2013). Significa, portanto, reforçar nosso compromisso com a defesa da identidade e da profissionalização docente, sob a forma de política de estado articulada e sistêmica que pense a formação inicial e continuada, as condições de trabalho, plano de carreira e salário de trabalhadores e trabalhadoras da educação. É, em síntese, lutar pela educação e por nenhum direito a menos... Por fim, a mobilização em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade exige avançar nas conquistas e em ações para a reversão de perdas impostas. Resiliência e resistência tem sido palavras-chave em nosso cotidiano e nossa luta tem mostrado que juntos somos fortes. Partimos, então, para casa com a mensagem de Antônio Nóvoa: *debater, combater e assumir responsabilidades* (ForPIBID, 2016).

O ano de 2016, no Estado do Rio de Janeiro, foi de grande turbulência na Educação. Com o Estado falido, ocorreu atraso de salários, falta de pagamento para funcionários terceirizados, diminuição de funcionários nas escolas, falta de merenda, obras e reparos parados nas escolas do Estado do Rio de Janeiro. Consequentemente esses fatos acarretaram greve de 5 meses dos professores estaduais e ocupações das escolas pelos alunos. Como ficou o PIBID HISTÓRIA UFRJ dentro deste contexto? O PIBID de História da UFRJ teve uma grande atuação, nesse processo de História viva, onde o cenário eram as escolas, as ruas, com grandes reflexões. Foram realizadas oficinas em escolas ocupadas, palestra sobre escola sem partido, discussão sobre a BNCC (Base Nacional Curricular Comum), reforma no Ensino Médio, Avaliações externas e organização política no Brasil devido ao processo eleitoral. Na UFRJ, alguns licenciandos participaram também da ocupação do IH na UFRJ. Ao mesmo tempo em que o ambiente escolar não se encontrava em seu pleno funcionamento, devido a grande crise, diversas questões emergiram e a responsabilidade social se viu presente nesse



ano de 2016. Os professores e licenciandos de História sentiam a necessidade de fortalecer através de argumentos intelectuais, e pesquisas acadêmicas, valores éticos, direitos básicos, combate a preconceitos que geravam racismos, xenofobias, machismos, lgbtfobias, que hierarquizavam sujeitos e em casos extremos causando mortes e injustiças sociais. Paralelamente ocupavam escolas, universidades, ruas, praças para desconstruir um discurso conservador que estava sendo apropriado pelo senso comum, influenciado pela mídia.

Para todo poder, há resistência, e o Ensino de História é um dos alvos neste contexto político de apagamento de memória e história da Educação, de exclusão de direitos e conquistas dos diversos movimentos sociais. Quem tem medo da História? Quem tem medo do PIBID HISTÓRIA UFRJ? Quanto poder tem o professor de História? Para que ser professor de História?

Compartilho com Monteiro (2007 c) que a relação entre História Memória é constituída de tensões, resistências, negações, ambiguidades. O ensino de história, assim, é visto como um *lugar de fronteira*, de marcação de diferenças, mas que também permite o encontro, as trocas; zona híbrida onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias, zona de imensas possibilidades de criação cultural (MONTEIRO 2007a, 2007b, 2007c, 2014).

Percebemos claramente diversas facetas do desenho curricular apresentado pelo Nóvoa, onde a formação inicial e continuada é centrada na prática, construindo uma “transformação deliberativa” (NÓVOA, 2009), pois supõe uma transformação dos saberes e obriga a uma deliberação, isto é, a uma resposta a dilemas pessoais, sociais e culturais. O papel central do professor experiente na formação docente, a produção de pesquisas e novas formas inovadoras para superar desafios, o trabalho em equipe, a responsabilidade social, favorecendo a comunicação pública e a participação profissional no espaço público da educação, e finalmente a “disposição pessoal” onde professores e licenciandos de História, através de “narrativa de si” de suas biografias puderam refletir sobre suas trajetórias e como está sendo construída sua identidade profissional. Alguns relatos ressaltam a importância do auto-conhecimento na formação do professor, para um contato consciente de suas escolhas.

“... No momento certo consegui realizar meu sonho que era a UFRJ. Em 2012 consegui e hoje estou satisfeita de olhar pra trás e ver que minha trajetória escolar foi marcada por lutas e vitórias, regado de aprendizado e interesses que se renovam. Se hoje eu nutro os ideais em favor da educação pública e de qualidade é porque todo o meu passado me trouxe até aqui, uma aluna de escola pública que conseguiu

quebrar os padrões familiares e chegar a se formar por uma das melhores faculdades do Brasil.” (Licencianda A)

“... A partir da análise do texto lembrei que a escola sempre foi um lugar confortável pra mim. Sim, acordar cedo era um sofrimento, principalmente em Teresópolis. Mas nunca me senti mal no ambiente escolar, nem quando ia mal nas provas, ou me perdia nas matérias. A única coisa que me incomodava era a mania de alguns professores de rebaixar os alunos, eu tinha razão de ter esses problemas, então acredito que faz todo sentido eu, como licencianda, querer lutar contra isso. A escola sempre foi um lugar de conforto, faz todo o sentido me tornar professora. (Licencianda B)

...Fui fazer história na UFF e fugi das disciplinas ligadas a educação. Fui estagiária em arquivo e bolsista de pesquisa. Quando me formei, tentei o mestrado em sociologia do trabalho no extinto IUPERJ e não fui classificada nas 10 vagas. Comecei então a realizar concursos na educação básica para lecionar história. Muitas salas de aula, muitos alunos, CIEP 098, C.E. Benjamin Constant, CIEP 205, CEJA Copacabana. Nesse contexto, veio o CESPEB-FE/UFRJ e eu descobri o Ensino de História. Com o Ensino de História eu me transformei, não consigo mais pensar História sem ensino e acredito muito no papel da formação docente. E o PIBID é tudo para mim um espaço para agir, refletir e transformar... (Professora Supervisora A)

Pelo que foi exposto, podemos perceber, que o período no qual o Projeto PIBID tem sido desenvolvido em momentos de muitas tensões sociais e políticas. Uma série de pontos centrais da discussão de educação e formação de professores estão sendo disputados. Abre-se espaço, então, para alguns questionamentos como: O que é formar professores? O que é e para o que serve a escola? Qual deve ser seu currículo? Este se produz no interior da escola ou vem a partir de determinação externa?

Considero o PIBID História UFRJ uma experiência que podemos associar à proposta de Nóvoa (2009), que entende a formação inicial e continuada de Professores do século XXI como a “Casa Comum”, onde o estudante em formação é inserido em ambiente da escola, tendo professor experiente, no exercício da sua profissão, como supervisor, apresentando uma proposta intencional de formação. Além disso, o trabalho em equipe possibilita ações de “transformação deliberativa” (Nóvoa, 2009), através de discussões e reflexões, tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista do conhecimento da formação desses profissionais. Essa pesquisa trouxe pequenas amostras desse processo, servindo para nos alertar da potencialidade e riqueza dessa experiência, merecendo, desta forma, uma pesquisa mais aprofundada. Aposto no trabalho com Memória e História do Projeto PIBID HISTÓRIA UFRJ, buscando fortalecer uma política pública e dando visibilidade a novos caminhos que estão sendo traçados na Formação inicial e continuada dentro da Profissão Professor.

“No caminho que está o sentido da nossa *profissão professor*. Nós nunca vamos chegar a lugar nenhum, nós vamos caminhar” (NÓVOA, 2016a, 2016b). Por isso dei o primeiro passo para essa grande jornada com esse projeto de pesquisa. Minha paixão pela educação, pelas escolas públicas por onde passei<sup>7</sup>, pelos meus amigos professores, pelos meus alunos, pelos meus professores, pelos meus “estagiários”, me impulsionam no desejo de construir, inventar, coletivamente uma memória, uma história das “*Nossas Escolas*” no Rio de Janeiro. Depois de muitos pronomes possessivos, *meus*, *minhas*, *nossas*, como nessa História não existe *ponto final*, termino com reticências: “Enquanto houver sol, enquanto houver sol. Ainda haverá... É caminhando que se faz o caminho...” (BRITO, 2003).

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BRITO, Sérgio. Enquanto houver sol. Interprete: Titãs. In: *Titãs. Como estão vocês?* São Paulo: Sony BMG Music Entertainment, 2003.

CERTEAU, Michael de. O Tempo das Histórias. In: \_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano** / 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 140-154.

ForPIBID - Fórum Nacional de Coordenadores Institucionais do PIBID. Brasil, 2016 – Disponível em 13/08/2017 <https://pibidlitufrj.wordpress.com/ficapibid/carta-em-defesa-do-pibid/>

FORQUIN, Jean Claude. A Educação e a Questão da Cultura. In: \_\_\_\_\_. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução de Guacira Lopes Lobo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 8-26.

GABRIEL, Carmen Teresa. **Memória e Ensino de História: espaços educativos e ensino de História**. TV, Salto para o Futuro. [s.l.], 4 nov. 2012 [texto digitado].

\_\_\_\_\_; MONTEIRO, Ana Maria. **Currículo de História e Narrativa: desafios epistemológicos e apostas políticas**. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (LEPEH) – Núcleo de Estudos em Competitividade (NEC) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013 (texto digitado).

---

<sup>7</sup> Fui professora regente de história de duas escolas inseridas no projeto: CE Paulo de Frontin (5 anos) e CIEP BRIZOLÃO 303 - Ayrton Senna (15 anos).



GRACE COSTA, Viviane. *Operando com História Memória e Ensino de História: CIEP BRIZOLÃO - 303 Ayrtton Senna*. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdades de Educação, 2014 180 £

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre História e memória. In: SILVA, Gilvan Ventura da; SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel (Orgs.). **História e Educação: territórios em convergência**. Vitória: Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2007a, p. 59-80.

\_\_\_\_\_. **Professores de História: Entre Saberes e Práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b.

\_\_\_\_\_. Narrativa e narradores no ensino de história. In: \_\_\_\_\_; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) 2007c, p. 119-135.

\_\_\_\_\_. *História, pra que te quero História*. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Rio de Janeiro: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Ensino de História, 2013 [texto digitado].

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. Projeto História. São Paulo: Departamento de História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 10 dez. 1993.

NÓVOA, Antônio. O Processo Histórico de Profissionalização do Professorado. In: \_\_\_\_\_. **Profissão Professor**. Lisboa: Coleção Ciências da Educação / Porto, 1992, 15- 21.

\_\_\_\_\_. **Palestra: Formação de professores no século XXI e a perspectiva da educação integral** São Paulo, 28 de julho de 2016. Instituto Ayrtton Senna: Publicado em 02 de agosto de 2016a. Acesso em 7/10/2016. <https://www.youtube.com/watch?v=5ILSaixhT6s>

\_\_\_\_\_. **Palestra: Antônio Nóvoa no Instituto Singularidade**. Publicado em 2 de agosto de 2016b. <https://www.youtube.com/watch?v=cspa-nqCF3Y;>

\_\_\_\_\_. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Revista de Educación Nº 350: La formación de profesores de Educación Secundaria, España, Septiembre- diciembre 2009. Ministério de Educación, Política Social y Deporte . Disponível 15/07/2017 em [http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)

PENNA, Fernando de Araújo. <http://www.anped.org.br/news/entrevista-com-fernando-de-araujo-penna-escola-sem-partido-serie-conquistas-em-risco>. Acesso em 09/10/2016

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidades: uma introdução às teorias do currículo - 3ª Edição – 1 reimp.** – Belo Horizonte, MG. AUTENTICA EDITORA, 2010. 156 p.



TARDIF, Maurice. **Os saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro, Brasil. Ed. Vozes 2002.\_\_\_\_\_. Lessard, C. & Lahaye, L. **Esboço de uma problemática docente**. *Teoria & Educação*. Brasil/Vol. 1, n° 4, p. 215-233